

O papel dos avós do novo século

Susan Guggenheim

As boas e inesquecíveis lembranças da nossa infância trazem com elas, muitas vezes, o cheiro de um bolo delicioso, o gosto de um doce ou o colorido de um suco especial. Mas quem proporcionava estas maravilhosas sensações que parecem surgir quando nos permitimos um tempinho para sonharmos acordados? Muitos de nós responderão que as nossas avós estão intimamente associadas a esses belos devaneios. A vida parecia melhorar quando uma avó ou um avô apareciam no meio de uma "bronca" ou mesmo de uma briga, em que éramos acusados de termos feito algo de errado. O alívio sentido com a presença destas pessoas é ainda lembrado hoje com gratidão. Escapávamos de algum sofrimento eminente e, mais tarde, até ganhávamos um afago carinhoso. Esses verdadeiros anjos da guarda ou advogados de plantão, se preferirem são, com certeza, parte de nossas "reservas afetivas" quando uma forte angústia nos domina diante das inúmeras situações complicadas das quais desejaríamos poder escapar novamente.

As crianças e os adolescentes de hoje têm, também, os avós em alta conta. Muitos convivem muito mais tempo com eles do que com os próprios pais. São os avós que ficam com seus netos pequenos para que seus filhos possam trabalhar, bem menos preocupados e culpados. Mais tarde, estão nas portas das escolas, nas horas de entrada e saída. Há casos em que são chamados na escola, quando as notas estão baixas ou há problemas de disciplina. Na verdade, eles sabem informar bem mais sobre o dia a dia dos netos do que os pais que chegam em casa à noite cansados e, na maioria das vezes, sem muita disponibilidade para conversar. Afinal, se eles estavam com os avós tudo deveria estar correndo bem.

Como ficam, então, esses avós quando têm que tomar para si a responsabilidade do cuidado e da educação dos netos? Não é uma tarefa fácil. Eles gostariam de transmitir seus valores e as suas regras, baseados na formação que tiveram e que já foi adaptada para a educação de seus filhos. No entanto, não sendo os pais não terão a mesma autoridade para isso. É nessa brecha que muitas crianças e adolescentes aproveitam para fazerem o que querem. Os avós se estressam, brigam com os filhos e mesmo quando as regras dos pais, em geral diferentes das suas, são colocadas em prática as coisas podem não melhorar. Como será possível acompanhar uma educação que quando acreditam que este não é o melhor de fazê-la? Muitos avós diante do impasse gostariam de abandonar estas tarefas e deixar que os filhos assumam os seus papéis. Nem sempre isso é possível, na prática as necessidades econômicas impedem que a maioria dos pais ou mães trabalhem menos e se voltem para seus lares.

Os avós evidentemente não poderão, mesmo que quisessem, ocupar um lugar que não é o deles. A ideia de serem as melhores pessoas para cuidarem das crianças pode ser questionável. Os avós são importantes na transmissão de conhecimentos, valores e, principalmente, na afetividade e no carinho que dão aos netos. Mas cabe aos pais as principais responsabilidades. Os avós eventualmente poderão ajudar, sem tomarem para si integralmente esta complexa missão.

Muitos idosos já perceberam que ter uma vida ocupada por interesses próprios, além de muito mais enriquecedora, os afasta de conflitos e obrigações inadequados à etapa da vida que alcançaram e, ao mesmo tempo, não estariam interferindo numa relação que deve ser construída entre pais e filhos. Sentem que as suas presenças são muito proveitosas para a formação dos jovens e ficam felizes em poderem apenas ajudar e aparecerem, de vez em quando, com aquele bolo gostoso, cujo aroma será sempre lembrado como uma das boas coisas da infância.

Texto extraído do jornal O Globo